

**FORMANDO TIMES, ALINHANDO PARES E AGENCIANDO
REDES:
os rachas no bairro Frei Damião**

***FORMING TEAMS, ALIGNING PAIRS AND MANAGING
NETWORKS:
soccer matches in Frei Damião neighborhood***

Antonio Lucas Cordeiro Feitosa
Universidade Regional do Cariri

Resumo

Ao longo da extensão do bairro Frei Damião, em Juazeiro do Norte, Ceará, há mais de vinte campos de futebol, áreas retangulares em terrenos ociosos e distantes das residências. Nesses locais, realizam-se, ao findar da tarde, várias partidas de futebol, denominadas, na categoria êmica, de rachas, momentos de jogo em que participam jovens homens. Adotando esse ambiente como campo de pesquisa, este trabalho procura discutir, a partir da noção de redes sociais de relações, o racha, e nele os mecanismos de formação dos times. As notas de campo e a entrevista realizada com um dos meus interlocutores indicam o racha enquanto expressividade e engenho simbólico entre os jovens neles envolvidos, pois aí se fazem presentes várias redes sociais de relações que são entrecruzadas a partir da agência dos sujeitos - características descritivas do racha como espaço social complexo.

Palavras-chave: jovens homens, sociabilidade urbana, práticas esportivas, bairro, rachas.

Abstract

Throughout Frei Damião neighborhood, in Juazeiro do Norte-CE, there are, at least, twenty football fields, rectangular areas on wastelands; located apart from the residences. On these places, at the end of the afternoon, are held several soccer matches, called in the emic category “rachas”, moments of game involving young men. Adopting this environment as a research field, this paper discusses, from the notion of social networks of relationships, the “rachas” and its formation of teams mechanisms. The fieldnotes and interview with one of my interlocutors indicate the “racha” while symbolic expression and weaving among young male involved in them, since various social networks of relationships that are crossed from the agency of subjects. Such elements allow describing these games as complex social spaces.

Keywords: young men, urban sociability, sports practices, neighborhood, “Rachas”.

Introdução

A pertinência do tratamento da temática esportiva nas ciências sociais não é algo que demanda, atualmente, uma substancial justificativa em vista de sua legitimação como objeto de compreensão científica. Esse esforço nos remete a trabalhos clássicos nesse campo, como, por exemplo, o livro *A busca da excitação*, escrito por Norbert Elias e Eric Dunning (1992).

No caso da literatura acadêmica brasileira, já congregamos toda uma coleção de estudos que tornaram o esporte, vale dizer, sobretudo o futebol, de significativa relevância no domínio das ciências sociais. A temática, embora explorada pelas ciências sociais no Brasil inicialmente na década de 1940, e com produções esporádicas até o final da década de 1970 (Giglio; Spaggiari, 2010)¹, já está legitimada como objeto de estudo, tanto pela notoriedade que o próprio esporte tem na sociedade quanto pelas questões que permite tangenciar.

Por sua vez, as discussões mais recentes tratam do “[...] modo como se deve teorizar o campo esportivo e quais os aspectos mais interessantes de serem investigados empiricamente” (Damo; Oliven; Guedes, 2008, p. 7). É verdade também que, embora a notoriedade da temática tenha sido alçada em muito devido às práticas esportivas profissionais, temos acumulado cada vez mais estudos “[...] acerca das práticas esportificadas e corporais não profissionais” (Guedes, 2011, p. 39).

Em função das variações e das distintas temáticas que os estudos dos esportes têm contemplado, na antropologia, autores como Luiz Henrique de Toledo discutem a própria terminologia do campo de estudo dedicado aos esportes (Toledo, 2001; Toledo e Costa, 2009). O autor sugere, em vez de *antropologia do esporte*, uma *antropologia das práticas esportivas*. Com isso, Toledo pretende uma abordagem “menos reducionista” ao não circunscrever a análise somente às atividades esportivas, especialmente quando são entendidas como práticas corporais, modernas, instrumentais e competitivas (Toledo, 2001, p. 137), mas incorporando

1 Segundo Giglio e Spaggiari (2010, p. 295) “[...] as primeiras contribuições dentro das ciências humanas para o estudo do futebol datam da década de 1940: o ensaio “O papel da magia no futebol”, de Mário Miranda Rosa (1944), e a resenha do sociólogo Luiz Aguiar Costa Pinto (1947) do livro de Mário Filho, *O negro no futebol brasileiro*, então recém-lançado”. Os autores ainda citam dois livros que consideram “fundamentais”, *O universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*, organizado por Roberto DaMatta, e *Futebol e cultura: coletânea de estudos*, organizado por José Carlos Sebe Meihy e José Sebastião Witter, ambos publicados em 1982 (Giglio; Spaggiari, 2010, p. 296). A *Revista USP: dossiê futebol*, editada em 1994 (ano em que a Seleção Brasileira de Futebol conquistou o tetra campeonato mundial de futebol), também é considerada pelos autores como um marco na visibilidade do futebol no campo das ciências sociais. Simoni Lahud Guedes (2011, p. 32) considera como “texto fundacional do campo dos estudos antropológicos sobre esportes no Brasil” o escrito de Roberto DaMatta, “Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro”, publicado na coletânea *O universo do futebol*. Já Luiz Henrique de Toledo (2001, p. 134) relaciona os primeiros estudos sobre futebol no campo das ciências sociais ao “[...] boom das pesquisas sobre o meio urbano desde meados dos anos de 1970 e início da década de 1980 [...]”.

a estas os elementos empíricos que o esporte mobiliza (“mobilidade temática”), “conjuga” e com eles se conecta e se intersecciona (Toledo, 2001, p. 137; Toledo e Costa, 2009, p. 15).

Dentro desse campo do estudo dos esportes, acreditamos que a contribuição do presente artigo se filie a essa proposta de abordagem dos esportes de que trata Toledo. Ainda adotando sua terminologia, ao estudarmos uma prática esportiva não profissional de qual participam jovens homens, moradores de um bairro periférico situado em uma cidade do interior do estado do Ceará, damos visibilidade a “visões de jogo” (Toledo e Costa, 2009, p. 14), detendo-nos em uma versão específica do esporte praticado. Essa versão, e a visão que nos possibilita, está interseccionada com questões que dizem respeito à hierarquia local, a formas de sociabilidade juvenil em espaços periféricos, a formas de pertencimento e reconhecimento social mediado por práticas e objetos, e ao bairro como contexto de interação social. Inclusive, em razão dessa interpretação das práticas esportivas, que não as limita somente ao caráter esportivo e corporal que têm, e também por motivações e limitações teóricas e empíricas da pesquisa, não nos detemos aqui a pensar sobre masculinidades e corporalidades, como poderia induzir uma discussão que dote o esporte apenas de uma dimensão esportiva e corporal.

Como veremos a seguir, embora nos encontremos tratando de uma prática esportiva não profissional, no contexto estudado a forma como o futebol é praticado difere de outras versões da mesma prática e até mesmo de experiências não profissionais que já foram abordadas em outras pesquisas, em Gonçalves (2002) e Spaggiari (2008), por exemplo. Com isso, percebe-se o que já ponderou Damo (2007, p. 51), ao considerar que “[...] cada espaço tende à existência de configurações sociais particulares que, por seu turno, manipulam as regras do jogo conforme os seus interesses”. É procurando situar essa “dinâmica particular” que, a seguir, descrevemos os rachas.

Bairro e práticas sociais

Em um terreno não demarcado, a cerca de dez metros de distância das residências, encontra-se um campo de futebol de areia, ocupando uma área de aproximadamente cinquenta metros quadrados e cercado por uma vegetação de arbustos baixos. Nesse espaço, situado no bairro Frei Damião, no município cearense de Juazeiro do Norte, são realizadas, ao longo da semana, ao findar do dia, partidas de futebol das quais participam, em geral, aproximadamente 15 jovens do gênero masculino, de idades entre 19 e 23 anos. Nessas ocasiões, formam-se dois times, tendo ambos regularmente de quatro a seis jogadores, havendo sempre em uma das laterais do campinho aqueles de prontidão para formar um novo time ou

entrar em substituição de alguns dos jogadores que perderam a partida precedente. A formação de um novo time, ou apenas a mudança de parte dos componentes, se dará quando uma das partes que estava jogando marcar dois gols. Assim, inicia-se uma nova partida em que os vencedores permanecem quase todos em campo para a partida subsequente, e é sendo constituído um novo time quando há um número suficiente de pessoas para tal esperando na lateral do campinho, ou apenas substituindo parcialmente os jogadores do time que perdeu a partida finalizada. Essas características descrevem o que os jovens frequentadores do campinho, como se referem ao campo de futebol, chamam de “racha”, isto é, o momento de jogo propriamente dito.

O campo ao qual nos referimos não é o único existente no bairro Frei Damião. Ao longo da sua extensão, de 3.300 km, há mais de vinte campos de futebol, situados nos terrenos às margens das avenidas Francisco Martins de Souza e Manoel Tavares Lopes.

Nas imagens abaixo, podem-se contar 19 campos, identificados pelos marcadores em cor amarela e azul. As fotos, em sequência, apresentam o bairro no sentido Norte-Sul.

Figura 1 - Bairro Frei Damião



Fonte: Google Earth, 2012.

Por meio de observações realizadas no campo descrito acima e de entrevista gravada com um dos interlocutores da pesquisa, este artigo objetiva descrever os rachas enquanto forma de sociabilidade espontânea dos jovens do bairro Frei Damião. Procuo fazer isso pensando nas redes de relações sociais que se fazem presentes e se encarnam nos rachas, marcando-os como espaços e momentos de expressividade e engenho simbólico entre os jovens envolvidos. Para tanto, limite-me, aqui, a refletir sobre os *mecanismos de formação dos times*, que são dois: um é específico para a primeira partida da tarde; posteriormente a esta, aciona-se outro². Tais mecanismos expõem os signos de poder, hierarquia e diferença que marcam as relações de lealdade e de reconhecimento ou não reconhecimento, que demarcam e desenham as possibilidades de vínculos ao tempo que os medeia.

Ambientar a pesquisa em um campinho pode parecer uma escolha pouco relevante. Aparência vã. No caso do bairro Frei Damião, é nesses locais que se dá parte das dinâmicas de interações e a materialização da sociabilidade dos jovens. Ao desenvolver a pesquisa nesse ambiente, cheguei a entrar em campo, um campo de brincadeira como também de coisas sérias, onde o lúdico mascara tensões e exercícios de diferenciação.

O número de campos de futebol no bairro foi um dos elementos que chamou minha atenção para esses espaços e para a prática neles desenvolvida. O fato de se tratar do terceiro bairro mais populoso de Juazeiro do Norte, com 14.677 habitantes (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2013), com área habitada de aproximadamente 660.000m², e de não ser dotado de equipamentos urbanos de lazer, não justifica completamente a existência de tantos campos. O que, então, tais campos dizem da sociabilidade juvenil naquele contexto?

Ao mesmo tempo, se não há no local os típicos espaços de lazer (praças, ginásios, parques), havendo apenas duas quadras poliesportivas nas escolas ali instaladas, isso não descarta a possibilidade de vivências próprias de lazer, da constituição, pela população, dos seus espaços, sem a intervenção do Estado (Gonçalves, 2002). Assim, tais espaços e práticas colocam em questão a ideia de inexistirem, no bairro, locais de lazer, como atestado no trabalho de Pereira (2009) e nas justificativas de agentes públicos para a implementação de políticas de segurança pública no bairro, como observei ao entrevistá-los sobre essas ações. Esses últimos, partindo desse diagnóstico e da consideração de que o bairro Frei Damião é um dos bairros mais violentos de Juazeiro do Norte, alocaram ali um projeto que adota atividades esportivas, sobretudo o futsal, como mecanismo de prevenção à violência entre jovens.

2 Há outros elementos que permitem pensar nessa mesma linha e adensar outras reflexões, como é o caso da figura do “dono da bola”. Para ler mais sobre o assunto sugere-se Feitosa (2011, 2012).

Além dos supostos indicadores de criminalidade, não disponibilizados pelos órgãos responsáveis para esta pesquisa, a história do local também é acionada na constituição do bairro como “periferia”, uma vez que a origem do bairro Frei Damião está relacionada ao Movimento dos Sem Teto (MST), que existiu em Juazeiro do Norte. As lideranças do Movimento organizaram, em setembro de 1990, a ocupação de parte da área que hoje corresponde ao bairro, mas que antes pertencia a Igreja Católica local.

Todos esses elementos reunidos levaram-me, em trabalho do qual este artigo é fruto, a tensionar dois modos de observar os usos e significados do esporte naquele contexto. Essa foi a forma pela qual procurei entender as questões levantadas acima. Por um lado, o futebol adotado no projeto de prevenção à violência entre jovens, gerido pela Secretaria Municipal de Segurança Pública e promovido por guardas civis municipais. Por outro, a forma espontânea de prática do futebol, desenvolvida em pequenos campos de areia. Ao procurar descrever e friccionar esses dois modos de observar a prática do futebol – classifiquei-a em espontânea (os rachas) e institucional (os treinos do projeto) –, tentei tensionar leituras usuais sobre as interações dos jovens do bairro e criar novas e alternativas dizibilidades e visibilidades sobre eles. Ao estudar os rachas, busquei compreender as interações locais sem a mediação do Estado. Esses objetivos foram estabelecidos tendo em vista, sobretudo, ser o bairro Frei Damião classificado, pela mídia local, pelos moradores da região e pelas ações das instituições governamentais, como de “risco social”, como periferia, o que leva a pensar as relações de sociabilidade no bairro apenas como sociabilidade violenta (Feitosa, 2011, 2012).

A seguir, descrevo os elementos fundamentais para este artigo e que foram percebidos como regulares a partir das anotações de campo. Iniciemos, pois, descrevendo o início dos rachas.

À tarde, na rua Antônio Estevão do Nascimento, ou na esquina desta com a avenida Francisco Martins de Souza, pode-se encontrar, quase sempre, um grupo constituído por cerca de dez garotos com idades que vão de 19 a 23³. De posse de uma bola pequena e já desgastada, a brincar descalços na rua, com traves de tijolos ou chinelas tipo havaianas, ou apenas sentados na calçada conversando⁴, eles brevemente se dirigirão ao campo de terra que fica quase em frente.

“É como se fosse um ímã, é só um chegar com a bola que os outros vão chegando”⁵, é assim que tem início a movimentação para o jogo. A ida para o campo ocorre logo que se tenha a bola à disposição e um número suficiente de pessoas para formar dois times.

3 Cito as idades dos jovens como indicação do perfil dos meus interlocutores em campo.

4 As conversas entre os meninos envolvem de tudo um pouco, não sendo o futebol o assunto principal.

5 Mais adiante, essa analogia feita por um dos participantes dos rachas se fará entender como sendo algo que aproxima e distancia pessoas, dependendo da rede de relações a qual se esteja vinculado.

Saindo da rua, seguem por uma vereda até o campo. Chegando ao local, uma rápida descontração, alguns lances com a bola entre dois ou três jovens enquanto outros buscam, na vegetação rala que circunda o campo, gravetos para serem fincados como traves. Depois, começa o processo de constituição dos times a disputarem a primeira partida, o que estou chamando de *mecanismo de formação dos times*. Tais mecanismos dividem-se em dois: um primeiro é acionado para a constituição dos dois times que darão início à primeira partida do racha; esse mecanismo não será mais adotado no caso das partidas posteriores: desse momento em diante os times serão organizados com base em outro critério, como se verá mais a frente⁶. Porém, em ambos os momentos (partida inicial ou posteriores) verifiquei situações significativas no que diz respeito a essa questão entre os jovens.

O processo de formação das primeiras equipes inicia-se quando um dos jovens presentes no local começa a falar em “formar os times”, chamando uma das pessoas entre os demais para isso. Quando começa essa movimentação, por livre iniciativa de alguém, os que estão ali pedem para serem escolhidos por aqueles que irão formar os dois times.

Não ser chamado para se juntar às pessoas que estão sendo escolhidas por um dos jovens para formar um time é motivo de chateação, de irritação por parte de quem terá de ficar no “time fora”. Por isso, as falas de pedido ou que dizem que irão pertencer ao time de determinada pessoa são evocadas bem antes do início do processo de formação dos times. São negociações que se dão antes do jogo e que se estendem a ele. Ouvem-se vozes, já no percurso da rua ao campo, que dizem frases do tipo: “eu vou ficar em teu time”, “eu vou ficar no time de fulano”. Não atendê-las é chatear quem terá de ficar fora da partida.

Definidos os dois jovens que formarão os times da partida inicial, eles se posicionam próximos um do outro, ao tempo em que os demais ficam em volta. Levantam as mãos fechadas até à altura do ombro. Um deles indaga ao outro dizendo: “Par ou ímpar?” ou, se preferirem: “Zerinho ou um?”, obrigando a escolhas diferentes. Rapidamente, ambos respondem verbalizando a escolha entre par ou ímpar ou, se for o caso, entre zerinho ou um. Fazem isso ao mesmo tempo em que estendem os dedos das mãos (um membro ou os dois ao mesmo tempo, sendo o zero simbolizado pela mão fechada). Em seguida, os dedos expostos pelos dois são contados de modo a verificar quem ganhou, isto é, quem acertou pela escolha prévia o resultado numérico da junção

6 Sempre há a possibilidade de chegar alguém ao campo depois de formados os dois primeiros times e já iniciada alguma partida. Os que chegam depois se dirigem à lateral do campo, agrupando-se no time fora. Os componentes deste, junto com algumas raras pessoas que não irão jogar, formam uma pequena plateia e se dedicam a tecer comentários sobre o jogo, a conversarem entre si e se animam em alguns lances. Foi junto destas pessoas que fiquei durante as observações dos rachas. Além destes, alguns jovens, sentados nas calçadas das casas dos moradores que ficam defronte ao campo, acompanham a partida e, às vezes, devolvem a bola quando esta ultrapassa a rua.

dos dedos de ambos (se a soma total resultou em um número par ou ímpar, no caso do “par ou ímpar?”, ou, no caso do “zerinho ou um?”, se ambos indicaram 0 ou 1). Quem se saiu melhor começa a “chamar”, a selecionar entre os presentes e a chamar para o seu lado os jogadores do time que deseja formar, sendo que esse processo é alternado, primeiro um deles tira um jogador, em seguida o outro tira o seu, e assim sucessivamente, até ser atingido o número de componentes definido⁷.

No caso de “zerinho ou um?”, pode acontecer de não ser o resultado da junção de ambos nem zero nem um. Assim, diz-se novamente: “Zerinho ou um?”, até que a escolha dos dois tenha como resultado total um dos numerais.

À medida que são escolhidos, os jovens se dirigem para perto do garoto que está formando o time. Assim, ao lado dos dois garotos se formam primeiramente os times, colocados, logo nesse momento, em lados opostos e frente a frente. Portanto, “chamar” não é só para compor o time, mas também para ficar em volta de quem chama.

Ao presenciar pela primeira vez este momento de composição dos times, notei um impasse entre os jovens: um deles queria formar os times a partir do “par ou ímpar?”. Outro garoto queria apenas “tirar”, ou seja, sem ser necessário recorrer ao mecanismo que define quem inicia o processo e daí em diante a vez de cada um tirar. Ao ser sugerida essa última opção, outro rapaz fez o seguinte comentário: “Se não for tirando par ou ímpar, os componentes de cada time são uma panelinha!”.

Nessa situação, os meninos acabaram decidindo por tirar os jogadores a partir do “par ou ímpar?”, mas fiquei em dúvida quanto ao que era a “panelinha”. Seria uma composição de times a partir de jogadores sempre recorrentes nos rachas e/ou seria uma relação com as amizades mais próximas entre certos jogadores?

Como dito anteriormente, esse mecanismo só é acionado no caso da partida inicial. Tinha, em relação às partidas seguintes, uma inquietação. Em um dos rachas, havia poucas pessoas no campo, e a forma como os times foram constituídos variou em relação ao que fora observado em momentos anteriores. Após um dos times ter perdido a partida, os garotos que estavam fora, como “time fora” (reservas), foram chamados para substituir alguns dos que compunham o time perdedor. No momento, não entendi quem fazia essa seleção, se eram os jogadores do time vencedor ou os do time que perdera a partida, se a decisão sobre quem saía era dos próprios jogadores que deixavam o campo ou se quem escolhia eram os que estavam fora.

Percebi, em outros rachas, que nem sempre quem deixa o time que perdeu a partida e fica na lateral do campinho são os jogadores que jogaram mal. Alguns,

⁷ Tanto em função da pequena área do campo como do número de jovens no momento, a quantidade de jogadores em cada time varia de quatro a seis, embora seja mais rara a última opção. Dentre esses, há o goleiro. Como dizem os jovens, são três ou cinco na linha, na área central do campo, e um no gol. Não há uso de camisas de cores diferenciais nem de chuteiras para a prática do futebol, e não há um árbitro.

inclusive, tinham realizado feitos importantes, lances consideráveis e marcado gols. A questão, então, era: por que da substituição deles por aqueles que estão como time fora?

Redes de relações nos rachas

A seguir, indico alguns dos posicionamentos, aqui adotados, a respeito da noção de redes sociais de relações e de sociabilidade, que ajudam a pensar os dados de campo e a nortear as próximas reflexões.

Toda relação assume formas específicas, que implicam maneiras particulares de estar com o outro. Assim, as relações possuem critérios que devem ser levados em consideração para que elas se estabeleçam, mantenham-se e se atualizem. Mas se uma mesma pessoa mantém diferentes relações, ou tem vínculos diferentes com uma mesma pessoa, dependendo das situações, depreende-se que todas as relações de uma pessoa com outra e com outras podem se entrecruzar, emergindo daí uma rede social de relações que, além de estar encarnada nos corpos das pessoas, e talvez por isso mesmo, se faz presente em lugares e momentos em que seja possível o encontro.

A rede social de relações existe na medida em que as pessoas exploram as maneiras de interação, circulam, e, ao fazerem isso, escrevem mapas sociais de relação móveis, mapeiam flexivelmente a relação de pertença e alteridade. Não são somente relações entrecruzadas, são antes os significados contidos nestas relações que são entrecruzados, pois são redes de significados. Não se trata também do espaço, mas das relações que estão encarnadas no espaço, no corpo das pessoas em deslocamentos infinitos pela paisagem.

Veja-se a seguinte fala de um colaborador da pesquisa realizada por Marques (2011b) sobre o forró eletrônico no Cariri cearense:

Se um conhecido seu lhe encontra em frente ao palco [lugar mais exposto a um público geral], ele fala com você de uma determinada maneira; se encontra com você na tenda [eletrônica], fala de outra maneira, se encontra você em um outro lugar, durante a mesma festa, já falará de outra (Marques, 2011b, p. 6).

Temos aqui uma rede, não propriamente de relações, mas de significados possíveis de serem enunciados, a depender daqueles atribuídos ao lugar e às pessoas que agregam sentido a ele.

Nessa perspectiva – de que as várias relações sociais que mantemos são entrecruzadas por nós ao agenciarmos sociabilidades e emprendermos uma gestão de si na relação com o outro (Marques, 2011a, 2011b, 2008) –, a noção de rede social é utilizada aqui para exibir e descrever as relações sociais dos jovens envolvidos nos

rachas. Tal noção dá uma ideia de diferentes formas de entrar em contato com o outro, de trocas que selam relações diferentes e de diferentes modos (Mauss, 2003)⁸.

Não recorri ao conceito de estrutura social, como o fazem, por exemplo, Whyte (2005) e Wacquant (2002) em seus estudos, por acreditar que esse conceito dá a impressão de engendrar todas as relações sociais, de torná-las aglutinadas e arranjadas de modo a tornarem-se constituintes de um todo, e decantar suas especificidades ao deixar escapar a engenhosidade do agir dos sujeitos sociais que manejam suas relações de modo múltiplo. Assim, entendo que cada relação é uma forma de relação na medida em que não é equalizada quando engendrada na ideia de estrutura social⁹. Em rede, cada relação assume formas distintas próprias, podendo uma se sobrepor a outra, mas ao mesmo tempo mapeando formas de vínculos com o outro ao estabelecer cruzamentos vários. Sendo cada relação uma relação de poder¹⁰ e sendo esse poder uma diferenciação no vínculo com o outro, logo será algo particular.

Esta compreensão se apoia no pensamento de Mikhail Bakhtin sobre a linguagem. Considera o autor (Bakhtin, 1993, p. 98) “[...] as linguagens não se excluem umas das outras, mas se interceptam de diversas maneiras [...]. Pode até parecer que o próprio termo ‘linguagem’ perca com isso todo o seu sentido, pois parece não haver um plano único de comparação de todas estas ‘linguagens’”. Se as linguagens se interceptam, entende Bakhtin (1993, p. 102):

[...] também este homem não tem relação com uma, mas com várias linguagens, sendo que apenas o lugar de cada uma é estabelecido e indiscutível, a passagem de um lugar para outro é prevista e automática, como aquela que vai de um quarto para outro. Estas linguagens não se chocam entre si na consciência deste homem, e ele não tenta correlacioná-la ou olhar para uma delas usando os olhos de outra linguagem.

Tomando a perspectiva Bakhtin, entende-se que, ao vivermos no meio de várias relações sociais, como vive o camponês analfabeto (exemplo do autor) no meio de vários sistemas linguísticos, essas relações podem ser interceptadas, não constituindo um todo único (o autor não trata, por exemplo, de uma estrutura linguística) e sendo mantidas suas idiossincrasias. As relações, ao se interceptarem

8 Se trocas permitem o estabelecimento de relações sociais, temos que não é por meio de qualquer e toda troca que se ascende a todas as relações.

9 Ou seja, para além de pensar em termos de estrutura social, de grupos sociais, de relações institucionalmente consagradas, dissolvendo as pessoas nesses sistemas, prefiro aqui pensar em termos de relações, de vínculos por onde se transita, laços esses engenhados pelos indivíduos. Cf. Boissevain, 1987.

10 A compreensão da noção de poder nesse trabalho advém das reflexões de Foucault (1979). No caso dos rachas, o poder está presente em todas as relações ali materializadas, seja nas que são transplantadas para lá ou nas que são estabelecidas; e também é manifesto na posse da bola.

quando postas em ato, por agência dos sujeitos sociais, criam redes de relações que, todavia, não dissolvem cada relação no todo, estando cada uma delas em seu lugar, como se fossem preservadas, mas simultaneamente entrelaçadas, ao mesmo tempo em que cada relação é agenciada quando em rede.

Razão pela qual entendo que o racha não é um ponto de ancoragem, não é o nó das relações que descrevo, não é o racha que entrecruza relações em forma de rede, mas os próprios agentes do racha que reverberam neste enquanto pontos de ancoragem. As redes de relações estão encarnadas nos corpos dos jovens frequentadores dos rachas, se assim não fosse pensaríamos as relações em si mesmas, como dado natural, o que não é.

Ao mesmo tempo, as relações descritas na seção anterior revelam o racha enquanto expressividade das formas de sociabilidade dos sujeitos.

Se, no estudo de Leonardo de Sá (2009), a guerra entre jovens na zona portuária do Grande Mucuripe, em Fortaleza, é motivada pelo não reconhecimento no outro, ou por ter o outro as expressividades do poder, entendo, com o autor, que trocas não são somente de favores, de objetos materiais; a troca, vale dizer, o ato da reciprocidade está contemplado também na generosidade, na confiança, no verbal, na “consideração”, no “respeito”: “A principal motivação das guerras, segundo os envolvidos, é a falta de ‘consideração’, o modo desrespeitoso com que se realiza a relação social com a alteridade inimiga, provocando ondas de homicídios e vinganças ‘por nada’ (Sá, 2011, p. 349).

Mesmo que se apresente como sendo “por nada”, a “consideração” ou “o modo desrespeitoso” indica que a dimensão simbólica não está retida, enquadrada em objetos. A fala também enuncia e encena lugares sociais, trocas, reciprocidades. Logo, o zelo pela relação é também da ordem da linguagem.

Apresentadas essas posições teóricas, continuarei pensando, agora, através da locução de Aílton, um jovem de dezoito anos de idade que cursa, na Escola de Jovens e Adultos (EJA), o oitavo e nono ano do Ensino Fundamental, no Centro de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente Dom Antônio Campelo de Aragão – CAIC. Aílton frequenta os rachas no campo de futebol a que estou me referindo.

A entrevista retoma as questões de campo de forma a buscar esclarecimentos e atualizar elementos importantes. Ao mesmo tempo, analiso-a em interface com as observações de campo¹¹.

11 A entrevista ocorreu no CAIC e contou com a colaboração da colega de graduação, Edite Sobreira. Agradeço-lhe a contribuição.

“Panelinha”: enunciação do quarteirão

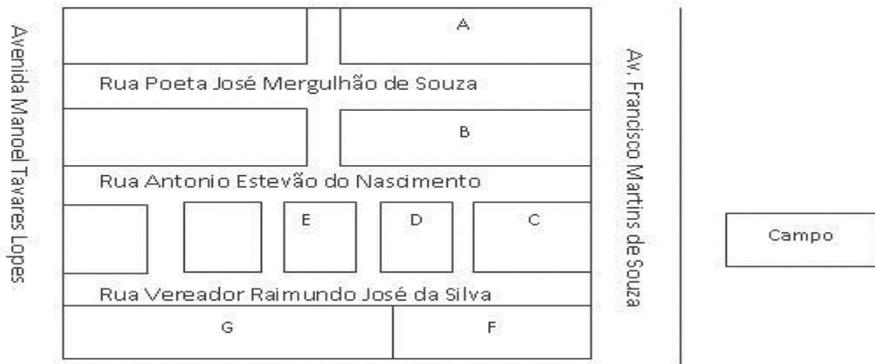
Aílton: A panelinha é gente que sabe jogar e gente que não sabe jogar. **Lucas:** Mas eu pensei que panelinha também porque tem aquela ideia, panelinha são pessoas mais próximas, mais amigas. Também é isso? Porque, se eu não tirar par ou ímpar, se for só tirando, escolhendo cada um dos jogadores, eu vou escolher as pessoas com quem eu tenho mais afinidade, ou não? **A:** Não, a maioria das vezes rola mais pra quem sabe jogar mais, porque ali é tudo amigo, tá entendendo. **L:** Eu pensei que podia ser quem fosse colega do outro, fosse mais próximo... **A:** É, também, também a gente leva isso também [em consideração], né. **L:** É, mais de fato ali tem pessoas que são mais amigas que outras né. **A:** Tem. **L:** Então, como é que fica isso quando vocês formam o primeiro time? **A:** Eu tiro mais os cara que é mais chegado a eu, que é mais forte e tudo, né. É dois quarteirão que joga ali, dois quarteirão, que é o da minha rua ali e o de cima. Aí eu tiro gente que é mais do meu quarteirão ali, da minha rua, aí eu tiro mais eles do que os outros das outras ruas. **Edite:** Mas todos sabem jogar ou tu tira porque tem mais afinidade? **A:** Mais afinidade mesmo, eles sabem jogar também.

A ideia de panelinha não se restringe somente a um time que é formado por jogadores que sejam mais habilidosos no manuseio com a bola, mas também assinala o time dos “mais chegados a eu”, sendo o “eu” aquele garoto que forma o time e escolhe seus membros, como descrito anteriormente. Ser forte e ser chegado, elementos que informam quem pode estar no campinho, quem pode fazer parte de que time, demarcando e mediando o racha. A figura do garoto que participa do processo de formação de um dos dois times é, assim, importante no que diz respeito à configuração do time. Sua rede de relações com as pessoas presentes desenha as diferentes posições que cada um irá ocupar (se ficará como “time fora”, como goleiro etc.), ou mesmo se ocupará alguma posição (não participar do jogo).

Essa turma dos mais chegados encontra-se no quarteirão e é transposta para o momento do racha. Portanto, se a panelinha são os “mais chegados a eu” e estes, por sua vez, situam-se no quarteirão ou em quarteirões adjacentes, então temos que no racha o quarteirão é enunciado, é reverberado.

Interessante notar que sempre que pergunto aos meninos quem participa dos rachas no campo, escuto a mesma referência aos quarteirões, como também o faz Aílton.

Figura 02: Alguns jovens participantes dos rachas em distribuição pelos quarteirões localizados próximos ao campo



Nota: *As letras representam os quarteirões e os meninos que moram neles: **A:** Nanam; **B:** Cabeludo, Dunga, Alison (Pinto), David, Rafael, Walison, Agneson (Pimpo), Joãozinho; **C:** David, Daniel, Yuri; **D:** Aílton, Diego, Diogo, Cícero, Sarrafo, Samuel, Emanuel; **E:** Kelvin; **F e G:** escolas municipais.

O quarteirão também demarca linhas de força no que diz respeito a quem pode chegar até os campos:

Aílton: Assim que surgiu o campo pra jogar bola, nós tinha uma... não deixava os caba jogar de outro quarteirão, porque assim que surgiu foi um campão. Do lado [do campo em que jogamos] não tem o outro campão bem grandão? Aí só quem jogava ali era os caras grandão, que era de outra rua, aí nós eles não deixavam jogar. Foi que um dia nós nos ajuntamos. “_Cara, vamos fazer um campo só pra nós”, que é aquele que nós joga agora, aí se ajuntou eu, Kelvin, o povo de nossa rua ali, aí fizemos o campo e nós começamos a jogar. Aí foi que o campo deles se acabou, não jogaram mais né, aí passou pro nosso lado. **Lucas:** Eles não deixavam vocês jogar por que vocês eram pequenos, menores que eles ou porque não eram amigos deles? **A:** Era porque nós não era amigos deles, não tão chegados a eles, aí por isso que eles não deixavam. **L:** Eu sou teu amigo, eu poderia jogar bola ou não, por eu conhecer você e ter proximidade com você, ou não? **A:** A maioria das vezes deixava, mas a maioria das vezes não deixava, mode outras pessoas. **L:** Não basta ser só teu amigo, é necessário ser amigo de mais alguém? **A:** É, de mais gente.

A territorialidade básica da sociabilidade no bairro Frei Damião parece ser o quarteirão, as ruas e calçadas que o contornam e as esquinas que o tangenciam.

O quarteirão apresenta uma sociabilidade erguida a partir da rua¹², mas também vinculada à casa. Confluem nessas interações laços de consanguinidade, coleguismo, camaradagem, vizinhança, vínculos de trabalho, de amizade. Ou seja, os rachas materializam redes de relações que adentram casas e afluem entre ruas a partir das possibilidades de trânsito.

As esquinas do bairro também são importantes espaços de interação para quais convergem as relações dos jovens daquela localidade. Assim, esquina, calçada e rua e, como se percebe, os campos de futebol, são espaços centrais da sociabilidade da população do bairro Frei Damião.

Em vista dessa relação com o quarteirão, os garotos que participam desses rachas constituem um grupo constante, isto é, os frequentadores são sempre os mesmos, mas sem que estejam todos presentes ao mesmo tempo em um único jogo, sempre faltando alguém. Compõem essa turma aproximadamente vinte jovens.

Em função disso, a constituição desse sentimento de pertença à área urbana e à rede de jovens que frequentam o campo nos ajuda a pensar um pouco mais. “Fica paia”¹³ é modo pelo qual um dos garotos que participava de um dos rachas no campo descreve a situação de ir jogar em outro lugar que não aquele em que estávamos¹⁴. Para ele, fica “paia” em função de não conhecer os que estão ali, no outro campo. A afirmação veio quando comentei que em todas as partidas que já tinha presenciado naquele campo sempre percebi a presença das mesmas pessoas, não havendo muitos desconhecidos. Disse ele ainda que ali todos se conhecem.

Às situações nas quais observei que não se permitiu a outros jovens participar do jogo mediante a justificativa de que ali jogam sempre os mesmos garotos (“todo dia tamo jogando aqui só as mesmas pessoas”) e de que se os deixassem jogar “[iria] acabar dando confusão aí, chegando outras pessoas aí pra jogar”, vincula-se a ideia de “panelinha”, mas também a expressão “paia”, referida há pouco, para descrever o caso de ir jogar em outro campo. Isso se explica em função de que participar de um racha é estar vinculado a redes de relações, é ter relações de pertença com aquela turma. Dessa forma, o conflito fica ameno nesse corpo de mesmos indivíduos, pois eles podem conhecer/reconhecer e compartilhar os códigos de lealdade, reconhecimento que presidem os rachas, embora, por vezes, entre eles mesmos se instaurem conflitos. Para aqueles da mesma turma, circunscritos por relações desenhadas no quarteirão, esse código que preside o racha está dado, incorporado, ao contrário do que se observa para os de fora, de outros lugares do bairro, que o questionam.

12 A esse respeito cf. Damo, 2007.

13 A palavra “paia” é utilizada para descrever algo, situação, coisa desinteressante, sem animação, ruim.

14 Ao conversar com outros garotos eles disseram que jogam em outros campos também, embora frequentem com maior assiduidade o campo a que estou me referindo aqui.

“Esses dois ficaram aqui porque é mais amigos desses dois aqui”

Ailton: Tem quatro pessoas jogando né, quatro na linha e um no gol, aí tem duas pessoas, três pessoas esperando o time fora, aí eu perdi né, nós perdemos o time, aí ele escolhe das quatro pessoas que tá jogando pra jogar mais ele, mais duas pessoas. **Lucas:** Quem que escolhe? **A:** A maioria das vezes quem tá do lado de fora assim, esperando. **L:** Escolhe quem sai e eles entram? **A:** É, eles entram e escolhem mais duas pessoas pra jogar mais ele. **L:** Mas tipo assim, tinha quatro meninos jogando [desenho manualmente uma figura semelhante a que segue abaixo], aí esses dois aqui saíram [círculos] e tinha mais outros dois pra entrar [quadrados] e esses dois aqui permaneceram [triângulos], aí eu não entendo, quem tirou esses dois aqui [círculos] foram esses dois [triângulos] ou esses dois que estavam aqui [quadrados]?

Figura 03: Figura similar à desenhada manualmente durante a entrevista.



Nota: *As setas com traçado reto indicam relações de proximidade que sugerem a permanência dos Triângulos em campo pelos Quadrados. **As setas curvas sinalizam que, em relação aos Círculos, os Quadrados têm uma relação de proximidade inferior àquela que mantêm com os Triângulos, o que não garante participação na partida seguinte.

A: Foram esse dois que estavam do lado de fora. Aí esses dois [triângulos] ficaram aqui porque é mais amigos desses dois aqui. **L:** Então eu tiro do jogo quem é menos meu amigo? **A:** É. **L:** [...] Porque eu ficava me perguntando: oxente, esse daqui fez gol, mas ele saiu do jogo, então, por que foi que ele saiu se ele tava jogando bem. **A:** É porque ele não é muito amigo dele ali. **Edite:** Mesmo que esteja jogando bem? **A:** Sim.

Nessa fala, temos esclarecido o segundo mecanismo de formação dos times; trata-se daquele acionado para o caso das partidas seguintes à primeira, que fora constituída a partir do “Par ou ímpar?” ou “Zerinho ou um?”. Nesse caso, temos como figuras centrais os jovens que estão com o time fora, esperando a finalização da partida, ou seja, que uma das partes atinja dois gols, para entrarem em campo. A forma como eles ingressam no time que perdeu o jogo finalizado indica que

tanto participar como permanecer nos rachas é estar também imerso em uma rede ramificada de amizades. Para chegar até o campo, entrar em um dos times e permanecer no jogo é importante estar vinculado de diferentes modos à turma de pessoas ali presentes. Destaque-se: nem todos estão na mesma situação por estarem inseridos em uma mesma rede, se é que essa rede única existe. Pertencer a uma rede não significa que estejam equalizadas possíveis diferenças. Existem diferenças de nível de amizade, sendo um mais amigo que o amigo (“mais chegado”).

Note-se que sair do time e ficar na lateral do campo se dá também em função do cansaço físico, de ter-se machucado, ou mesmo espontaneamente, por um senso compartilhado por alguns de que todos devem jogar, dando oportunidade ao outro, ou ainda porque vai deixar o campo, ir embora para casa ou para outro lugar.

“Tudo conta que você fizer”

Ailton: É bom também o cara saber jogar bola mesmo porque a maioria das vezes o cara não fica esperando o time fora, o cara fica mais jogando, os outros bota a gente mais pra jogar, quem sabe jogar mais e a maioria das vezes vai por amizade também, você não joga nada, mas eu fiz um favor pra você e você gostou e tudo, aí “_A, fez esse negócio pra mim, eu vou botar e tudo”. **Lucas:** Um favor aqui fora, sem ser no campinho? **A:** Sim, aqui fora. **L:** Já aconteceu? **A:** Já, acontece muitas vezes. **Edite:** Apresentar uma amiga...? **A:** É, isso também mesmo. Acontece, como ela falou né, desvendou o caso, de eu ajeitar uma menina pra ele que ele já tá gostando já faz é tempo e tudo, né, aí diz: “_É, ele ajeitou aquela menina pra mim, eu vou deixar ele jogar” e tudo né. Outro tipo de favor é ele pedir: “_Vamos ali mais eu que eu não to entendendo fazer isso, tem como fazer isso mais eu?”. Dele ficar lá em casa, dele dormir lá em casa um dia, dois dias, tá entendendo, na maioria das vezes é assim, deu emprestar dinheiro a ele, deu dar dinheiro a ele. **L:** Aí se essa pessoa estiver jogando bola, que emprestou dinheiro, e eu chegar, tem chance dela me chamar? **A:** Porque você ajudou a ele e tudo numa hora de uma precisão, tudo conta que você fizer.

Edite: Assim, se algum menino não souber jogar muito bem, vocês ajudam a ele aprender a jogar? **Ailton:** Não. **E:** Se ele for amigo de você? **A:** Não, não, tem de aprender sozinho, nós não ajuda não. Assim, eu botei você porque eu sou muito amigo de você, mas se ele tá fazendo o time perder, na próxima ele já não entra. **E:** Mesmo sendo amigo? **A:** Mesmos sendo amigo, porque ele tá fazendo o time perder, ele não tá jogando bem, né, [...].

Como se alimenta a rede de relações pelas relações? Primeiramente, cabe dizer que não se entra em relação com o grupo, sequer esse grupo existe como tal: a relação é com cada pessoa na medida em que cada uma é diferente e, sendo assim, cada relação implica determinadas reciprocidades e resultados específicos.

A fala de Aílton narra o círculo de reciprocidades existente na vida dos jovens que frequentam os rachas e que, nesses jogos, toma forma também. Trata-se de trocas de favores importantes para um jovem. Se “ajeitar uma menina para ele” pode ser retribuído deixando-o jogar, depreende-se que participar dos rachas é algo importante, e o favor pode ser retribuído permitindo-se que o outro jogue.

Assim, podemos entender que o racha funciona também como motor da vida social dos jovens. É um momento de marcar presença, estar visível socialmente, mostrar-se, mas também se expor. É importante estar no racha, tanto é que se disputa um lugar ao sol, na tarde ensolarada.

Ao mesmo tempo, Aílton – como espero ter deixado claro – nos diz que não há uma determinação do racha pelas relações ou pelo saber jogar, o racha se ergue em um ponto de encontro das relações com as habilidades com a bola.

A proximidade do racha com outros ambientes se expressa, inclusive, nos favores prestados na rua, mas que a ele se estendem. Assim, o racha absorve seu entorno e a um só tempo é absorvido por ele. Esses elementos se alinham com a proposta de Toledo (2001 e Toledo; Costa, 2009) de tratamento de práticas esportivas, pois o que as descrições e análises permitem entender é que o racha não se reduz apenas a sua forma esportiva, mas elucida questões que excedem o universo de conteúdos da ordem do futebol.

Como se pode notar ao longo do texto, há várias formas de legitimar a presença em campo. Participar do jogo e se manter nele se dá em gradações diferentes: a) ter amizade com os dois jovens que formam os times para a partida inicial é requisito para ser contemplado nela; b) ser amigo daqueles que estão como time fora é importante para continuar no time e participar da partida seguinte; c) saber jogar é importante para assegurar a participação, caso contrário poderá ser retirado pelos demais; e d) a constituição de um sentido de pertença. Além desses elementos, apenas a título de identificação, uma vez que não cabem no escopo desse artigo, listo ainda: ser amigo do dono da bola e ter participado de atividades que visaram à adequação do campo à prática do futebol (capinar a vegetação e retirar estilhaços de vidro jogados no local por moradores) são condições que possibilitam o acesso ao campo.

Considerações finais

Os dados apresentados descrevem o racha não somente como momento de jogo: mais que saber jogar bola, ter habilidades futebolísticas, é também uma situação em que as redes de relações sociais dos jovens se fazem presentes ao estarem encarnadas nos corpos dos jovens. Assim, tais redes se expressam pelo/no racha e agem como mediadoras dos vínculos possíveis de existirem e das tomadas de posições. Temos, com isso, uma simbiose entre o saber futebolístico e o saber da relação. Não basta somente ter habilidades com a bola, embora elas não sejam dispensáveis, é preciso também saber conhecer as redes de relações sociais, seja para reconhecê-las e usá-las a seu favor, seja para não reconhecê-las e alterá-las.

Mesmo que o racha mescle o saber jogar bola com o saber da relação, percebe-se que as relações assumem uma importância ímpar, já que são elas que administram aquele momento. É em função e em torno das redes de relações que o racha se torna possível¹⁵. É, por outro lado, nessa rede que estão entrecruzadas várias relações, cada uma com sua forma própria, com suas especificidades. Por tudo isso, os rachas são uma das formas de expressão e materialização das diferenciações existentes entre os jovens do bairro Frei Damião, apresentando um significativo valor de engenho da diferença a partir das redes de relações.

Entendo o racha como produto das redes de relações sociais dos jovens, uma vez que não ele é somente uma transposição das relações que se dão no quarteirão, por exemplo, mas também uma situação em que se podem atualizar e estabelecer novas relações, e ao mesmo tempo (re)vivê-las.

Como também explicita o trabalho de Whyte (2005) e de Wacquant (2002), os rachas são espaços e momentos nos quais se socializam e adquirem publicidade redes de relações, hierarquias, valores, códigos que presidem o agir que toma forma quando em ato. Uma comunicação ou socialização não necessariamente verbal, o que nos faz lembrar sua dimensão simbólica e implícita. Mesmo que tais elementos, que dão ordem simbólica ao tornarem as ocasiões significadas e inteligíveis, não adquiram forma concreta ao posicionarem pessoas em determinados postos bem definidos, eles existem de modo a presidirem e mediar ações e relações, ou seja, ao definirem, com certo grau de deslizamento, quem pode estar onde, quem pode entrar em interlocução com quem, o que pode ser dito e calado, a que se pode ter acesso e o que pode ser acessado.

Essas redes de relações só existem no instante, no ato, mesmo estando impregnadas nos indivíduos, embora eles não se deem conta delas quando a sós, pois somente na relação com o outro elas se fazem presentes e são sentidas.

15 Não se trata de hierarquizar as duas dimensões, de polarizá-las. Antes, é relevante considerar a complementaridade das duas para o momento dos rachas.

Em todo esse trabalho pode-se encontrar falas que narram a simbologia do poder e dos mecanismos de hierarquia que se apresentam inseridos nas redes de relações das quais fazem parte.

Como, porém, essas redes de relações são agenciadas nos rachas?

Nos rachas, o mecanismo de composição dos times pretende minimizar ou neutralizar possíveis relações de proximidade que acabem por influenciar a composição deles, uma preocupação com as relações ali presentificadas. Há uma tentativa de que a formação seja objetiva(da), recorrendo-se à matemática.

Portanto, ao se definir pelo mecanismo “Par ou ímpar?” quem inicia a seleção dos jogadores, isso acaba por possibilitar que haja um equilíbrio entre ambos os times, já que cada um só poderá escolher uma pessoa de cada vez, fazendo com que as preferências não sejam saciadas por completo, mas de acordo com o que reste a cada um diante das escolhas do outro. Nota-se, todavia, que o mecanismo tem efeito apenas parcial, havendo ainda a manifestação das relações sobre a constituição dos times. A “panelinha” não fica ausente.

As proximidades entre determinados jogadores permitem a participação no jogo, a continuidade no time, a manutenção da posição, ao mesmo tempo em que restringem o número de pessoas que podem adentrar a área do campo, como uma fronteira marcada pelas redes de relações das quais se participa e por aquelas presentificadas no racha.

Referências

- BAKTHIN, Mikhail. O discurso no romance. In: **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. Trad. Aurora Bernadini. 3 ed. São Paulo: Ed. da Unesp / Hucitec, 1993.
- BOISSEVAIN, Jeremy. Apresentando “amigos de amigos: redes sociais, manipuladores e coalizões”. In: FELDMAN-BIANCO, Bela (org.). **Antropologia das sociedades contemporâneas**. São Paulo: Global, 1987.
- DAMO, Arlei Sander. A rua e o futebol. In: STIGGER, Marco Paulo; GONZÁLES, Fernando Jaime; SILVEIRA, Raquel (orgs.). **O esporte na cidade: estudos etnográficos sobre sociabilidades esportivas em espaços urbanos**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2007.
- DAMO, Arlei Sander; OLIVEN, Ruben George; GUEDES, Simoni Lahud. Apresentação. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 14, n. 30, 2008, p. 7-17. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v14n30/a01v1430.pdf>>. Acesso em: 04 set. 2013.
- ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Trad. Maria Manuela Almeida e Silva. Lisboa: Difel, 1992.
- FEITOSA, Antonio Lucas Cordeiro. **Sociabilidade, lazer e violência: práticas esportivas e juventude no bairro Frei Damião**. Crato, 2012a. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais) – Universidade Regional do Cariri, Crato, 2012.

- _____. **Agência e mediação em situações de “risco social”**: etnografia do futebol de várzea em Juazeiro do Norte. Relatório de Pesquisa. Universidade Regional do Cariri, Crato, 2011.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Org. e trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- GIGLIO, Sérgio Settani; SPAGGIARI, Enrico. A produção das ciências humanas sobre o futebol no Brasil: um panorama (1990-2009). **Revista de História**, São Paulo, n. 163, 2010, p. 293-350. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/19180>>. Acesso em: 04 set. 2013.
- GONÇALVES, Alana Mara Alves. **Futebol amador**: campo emergente de sociabilidade. Fortaleza, 2002. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2002.
- GUEDES, Simoni Lahud. Os estudos antropológicos dos esportes no Brasil: perspectivas comparativas com a América Latina. **Antropolítica**, Niterói, v. 31, 2011, p. 31-43. Disponível em: <<http://www.revistas.uff.br/index.php/antopolitica/article/viewArticle/88>>. Acesso em: 04 set. 2013.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. Sistema IBGE de Recuperação Automática – SIDRA. **Censo demográfico e contagem da população**. Censo demográfico 2010. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/cd/cd2010universo.asp?o=7&i=P>>. Acesso em: 10 jan. 2013.
- MARQUES, Roberto. Comunidade sem portas: imaginando o Cariri a partir de um bar de fim de noite. **Campos**, Curitiba, v.12, n. 2, 2011a, p. 45-68, 2011. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/campos/article/view/30615>>. Acesso em: 25 fev. 2013.
- _____. **O Cariri do forró eletrônico**: festa, gênero e criação. In: CONGRESSO LUSO AFRO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 11., 2011. Salvador. **Anais...** Slavador: UFBA, 2011b. Disponível em: <http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1307591861_ARQUIVO_OCARIRIDOFORROELETRONICOluso-afro-brasileiro.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2011b.
- _____. Espacialidades descritas sob os holofotes do forró eletrônico. In: DAMASCENO, Francisco José Gomes (org.). **Experiências musicais**. Fortaleza: Prefeitura Municipal de Fortaleza / Eduece, 2008.
- MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: _____. **Sociologia e antropologia**. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.
- PEREIRA, Cícero Alcione Soares. **Análise sócio-espacial do bairro Frei Damião**: o Mutirão de Juazeiro do Norte-CE. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Geografia e Meio Ambiente) - Universidade Regional do Cariri, Crato, 2009.
- SÁ, Leonardo Damasceno de. A condição de ‘bichão da favela’ e a busca por ‘consideração’: uma etnografia dos jovens armados em favelas à beira-mar. **Dilemas**, v. 4, 2011, p. 339-355. Disponível em: <<http://revistadil.dominiotemporario.com/doc/Dilemas-4-2Art6.pdf>>. Acesso em: 09 jul. 2011.
- _____. **Guerra, mundão e consideração**: uma etnografia das relações sociais dos jovens no Serviluz. 2009. 283p. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/1284/1/2010_TESE_LDSA.pdf>. Acesso em: 04 set. 2013.
- SPAGGIARI, Enrico. Ganhar jogo, pagar jogo e ganhar visita: prática futebolística em um bairro rural. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, vol. 14, n. 30, p. 165-190, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v14n30/a07v1430.pdf>>. Acesso em: 04 set. 2013.

TOLEDO, Luiz Henrique de. Futebol e teoria social: aspectos da produção científica brasileira (1982-2002). **Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**, São Paulo, n. 52, 2001, p. 133-165. Disponível em: <http://www.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=528&Itemid=412>. Acesso em: 04 set. 2013.

TOLEDO, Luiz Henrique de; COSTA, Carlos Eduardo. Apresentação. In: TOLEDO, Luiz Henrique de; COSTA, Carlos Eduardo (Orgs.). **Visão de jogo: antropologia das práticas esportivas**. São Paulo: Editora Terceiro Nome / Fapesp, 2009.

WACQUANT, Loïc. **Corpo e alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe**. Trad. Angela Ramalho. Rio de Janeiro: Relume Damará, 2002.

WHYTE, William Foote. **Sociedade de esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada**. Trad. Maria Lucia de Oliveira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

Recebido em 06/09/2013

Aprovado em 07/10/2014